



O TRABALHO DE PRODUZIR CONHECIMENTO: A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NA AGROECOLOGIA

Naira Estela Roesler Mohr¹
Rhuane Cristine Salles²

RESUMO

O texto trata de uma discussão sobre a produção do conhecimento feminino na agroecologia. Partindo da compreensão sobre as diferentes dimensões do trabalho, entendemos o trabalho da pesquisa científica, dentre outros, como primordial para a construção do arcabouço teórico da agroecologia. Em estudos bibliográficos, em que trazemos exemplos de três cientistas, observamos que estas mulheres realizaram importantes estudos e comprovações, que, a nosso ver, não têm o devido reconhecimento social. Observamos também que, historicamente, o desenvolvimento do trabalho científico das mulheres tem se deparado com inúmeras barreiras e limites, inclusive na contemporaneidade. Almejamos, com essa reflexão, problematizar e fortalecer o debate, uma vez que optar por um projeto de vida agroecológico significa subverter e modificar as formas predatórias de relações, dentre as quais também se situam as de gênero.

Palavras-chave: ciência agroecológica; pesquisadoras; trabalho.

INTRODUÇÃO

Em 19 de março de 2021, já na fase de conclusão deste ensaio, o Jornal Brasil de Fato veiculou a notícia de que a geógrafa, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo, Larissa Bombardi, ‘decidiu’ sair do Brasil. A pesquisadora possui ampla produção nos estudos sobre a utilização de agrotóxicos e vem causando incômodo, principalmente pela publicação do atlas “Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia”, em 2019. A situação revelada pela professora Larissa em carta aberta³ parece não

1 Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e Licenciatura em Pedagogia. Coordenadora Projeto de Pesquisa O conhecimento feminino e a alimentação alternativa: uso das plantas alimentícias não convencionais por mulheres na região da UFFS Erechim. Edital FAPERGS 03/2020 – PROBIC/PROBITI E-mail: nairamohr@uffs.edu.br

2 Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia na UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul. Bolsista do Projeto de Pesquisa O conhecimento feminino e a alimentação alternativa: uso das plantas alimentícias não convencionais por mulheres na região da UFFS Erechim. Edital FAPERGS 03/2020 – PROBIC/PROBITI – UFFS Erechim. E-mail: rhuped@gmail.com

3 Carta aberta escrita pela professora Larissa Bombardi pode ser encontrada em <https://cdn.brasildefato.com.br/documents/b47ae95d189749aedc2e2ef33bc57f9a.pdf>

causar muita perplexidade, considerando o cenário político de recrudescimento de forças que defendem ideais conservadores nos costumes e apoio incondicional ao capital monopolista estabelecido no Brasil. O que a notícia tem a ver com este texto? Não é exagero dizer ‘tudo’, o que esperamos que fique claro nas próximas linhas.

Nos últimos anos, buscamos entender algumas relações entre educação, feminismo e agroecologia, temas que atravessam alguns projetos de extensão e pesquisa aos quais temos nos dedicado. Temos clareza de que é uma tarefa bastante ampla e complexa considerando todos os significados que esses termos carregam. O caminho tem sido traçado por diversos espaços, desde o acompanhamento de práticas militantes de mulheres agroecólogas até as necessárias escolhas de leituras que podem colaborar para as análises explicativas da realidade. Independentemente das diferentes trilhas que configuram esse fazer feminino, identificamos, dentre outras, uma questão cada vez mais premente: Qual a visibilidade do trabalho feminino na construção da agroecologia?

Na busca por uma especificidade necessária para este momento de reflexão, temos como intenção preliminar discutir a partir de duas hipóteses, que podem assim ser formuladas: 1) A relevância de conhecimentos produzidos por mulheres pesquisadoras em agroecologia não é proporcional ao reconhecimento social desse trabalho. 2) O trabalho feminino na produção científica, assim como em outros espaços de trabalho exercido por mulheres, tem uma sobrecarga excessiva e um caráter solitário oculto. O foco de análise deste ensaio está na construção/fundamentação muito preliminar dessas hipóteses e não na comprovação momentânea delas, até porque entendemos que muitas companheiras estão produzindo estudos convergentes que poderão agregar nessa direção. Outrossim, por ora, julgamos importante trazer nossas reflexões, embora provisórias.

Dito isso, a exposição deste diálogo está assim organizada: Num primeiro momento, apresentamos algumas considerações sobre o trabalho e suas conexões com o fazer/desenvolver a agroecologia para, em seguida, situar exemplos de cientistas cujo legado para a ciência agroecológica possuem importância, a nosso ver, pouco legitimada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Temos observado no decorrer da história, por milhares de anos, que gerações de pessoas das mais diversas etnias desempenharam atividades na sua relação com a terra, culminando em hábitos e atitudes que possibilitaram a produção e a reprodução humana de um modo dinâmico e menos destruidor que o atual. Esses grupos nem sempre mereceram

destaque no meio social hegemônico. Muito pelo contrário, por diversas vezes foram sujeitos a processos de violência e silenciamento.

Dessa exclusão, fazem parte muitas gerações de mulheres que, mediando uma relação muito próxima com a natureza, tiveram um acúmulo importante em termos de descobertas e disseminação de cultivos, implicando em resultados que, na atualidade, são afirmados pela agroecologia. Em seus trabalhos cotidianos, foram realizando observações, refletindo sobre regularidades (ou não) de fenômenos, acumulando e partilhando experiências e, gradativamente, inserindo transformações que possibilitaram o desenvolvimento cada vez mais aperfeiçoado da vida.

Utilizamos, aqui, o conceito formulado originalmente por Engels⁴ de ‘trabalho concreto’, em que o ser humano atua sobre a natureza transformando-a, ao mesmo tempo que também se transforma. Ou seja, ao realizar mediações com a natureza, produz ‘valores de uso’ para a satisfação das necessidades de sobrevivência e, como consequência dessa realização, promove a aprendizagem de novos processos. Essa realização intencional, planejada, refletida e criativa exige de quem a executa um olhar ampliado sobre seu meio, a organização de seu tempo e um realizar-se enquanto ser social. De outra maneira, a existência de um ‘trabalho abstrato’, gerador de ‘valores de troca’ convertidos apenas em mercadorias, já não tem uma relação profunda com quem executa, afastando-se, assim, de uma dimensão de humanização. Esses ‘valores de troca’ passam a ser os que importam na forma capitalista de produção, colaborando para a naturalização daquilo que deveria ser o mais estranhado. Ou seja, são valorizadas as situações que nos afastam de uma dimensão humanizadora e emancipadora.

Na medida em que as forças produtivas se desenvolvem, as formas da divisão social de trabalho também se tornam mais complexas, ampliando as diferenças existentes. A explanação de Marta Harnecker (1983) em torno de conceitos marxistas, no caso sobre a divisão social de trabalho, é bastante elucidativa:

Chamaremos DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO à distribuição das diferentes tarefas que os indivíduos desempenham na sociedade (tarefas econômicas, ideológicas ou políticas) que se realizam em função da situação que eles têm na estrutura social (p.40).

Como é de comum conhecimento, a divisão social do trabalho, inclusive o poder do patriarcado, já ocorria em outros modos de produção. Porém, é no capitalismo que a segmentação das tarefas consegue se aperfeiçoar a tal ponto que se torna necessária a

4 O trabalho é categoria central de análise na teoria materialista histórica dialética desenvolvida por Marx. Para nosso enfoque, nos interessa a formulação de trabalho trazida por Friedrich Engels, no texto datado de 1876 ‘O papel do trabalho na transformação do macaco em homem’.

promoção de recursos de exploração de seres humanos e da natureza, bem como a justificativa para esse processo.

É verdade que, na atualidade, cada vez mais o ‘trabalho concreto’ é subsumido pelo ‘trabalho abstrato’, assim como a forma mercadoria passa a ser a principal maneira de acesso aos bens de consumo. O exemplo mais claro dessa constatação é o da alimentação, que cada vez mais parece brotar das estantes dos supermercados.

Em nosso entendimento, o fazer agroecológico por muitas mulheres, que tem como um de seus princípios a produção de alimentos (completos e conectados com outras dimensões da vida humana e da natureza), carrega em si dimensões mais amplas que a produção de ‘mercadorias’. Dentre os vários aspectos que o termo agroecologia engloba, insistimos na ideia de que seu desenvolvimento tem se realizado pela insistência de produtoras no cenário da pesquisa e da experimentação, em que muito conhecimento é gestado. É esse sentido educativo, materializado por um trabalho insistente de observar, planejar, analisar, cuidar, comparar, relacionar, e tantos outros verbos carregados de sentidos e vida, que exemplificaremos a seguir.

Optamos por nos dedicar brevemente à biografia de três mulheres cientistas pesquisadoras. Nesse esforço, não pretendemos esgotar as apresentações dos nomes citados, mas fazer uma introdução histórica, considerando as contribuições de tais figuras femininas no processo científico da agricultura que, certamente, se constituem como fundamentos da agroecologia.⁵

Importante considerar, também, que essa seleção não está amparada em parâmetros que subsidiem algum tipo de classificação ou meritocracia no conjunto da produção científica. Antes, representa a expressão de vivências cujos aspectos de um trabalho no sentido ontológico ficam evidentes e podem referendar ainda mais o protagonismo feminino no campo da agroecologia.

1. RACHEL CARSON

Foi uma pesquisadora nascida em 1907, no interior da Pensilvânia, USA. Com apenas oito anos de idade, publicou sua primeira história em um jornal local e, no ano de 1925, concluiu o ensino médio, ingressando no College da Pensilvânia, exclusivo para mulheres. Inicialmente, frequentou o curso de Língua Inglesa e, depois, Biologia, sendo uma das três únicas mulheres neste curso. Na sequência de sua graduação, a pesquisadora ganhou bolsa de estudos e concluiu seu mestrado em Zoologia, em 1932. Embora tivesse a intenção de

⁵ A apresentação destas pesquisadoras diz respeito aos estudos de gênero que as autoras vêm desenvolvendo, tendo como foco o conhecimento agroecológico.

continuar para conquistar o título de doutora, optou por ministrar aulas particulares por conta de dificuldades financeiras. Iniciou um trabalho temporário no Departamento Governamental de Pesca dos EUA, assumindo, após um ano, a vaga de bióloga marinha via concurso, sendo registrada como a segunda mulher a assumir tal cargo. Nessa época, Rachel escrevia artigos para o jornal *Baltimore Sun*, denunciando processos de poluição industrial no cultivo de ostras e práticas devastadoras nos processos de escavação. “Assinava seus artigos como ‘R.L. Carson’, esperando que os leitores presumissem que o autor era homem e, assim, levassem seus conhecimentos científicos a sério” (LEAR, 2010, p. 14). Em 1949, tornou-se editora do departamento, paralelo ao emprego, quando escreveu duas obras sobre o mar. Publicou seu primeiro livro em 1941, que ficou em destaque no jornal *New York Times* durante 86 semanas. Tal status conferiu segurança econômica a Rachel e contribuiu para consolidar sua carreira de escritora, articulada com a continuidade de suas pesquisas (de campo e bibliográfica) sobre ecologia e organismos da costa do atlântico, que resultaram na publicação da trilogia sobre o mar.

Após a Segunda Guerra Mundial, tomou proporção nos Estados Unidos da América o uso de pesticidas à base de DICLORODIFENILTRICLOROETANO (DDT) em lavouras, hortas e outros ambientes. Sustentada pelo discurso da necessidade de aumento produtivo para atender à demanda de alimentos, devido ao crescimento populacional, a comercialização desse agente químico foi favorecida pelo seu baixo custo. A propaganda empreendida pelos setores econômicos e o próprio Governo sustentava a ideia da modernização da agricultura com vistas à erradicação da fome.⁶

Rachel Carson, ao final dos anos 1950, passou a analisar a conservação ambiental, com especial atenção em suas pesquisas sobre os danos causados pelo uso indiscriminado de pesticidas químicos. O resultado de seus estudos culminou na publicação de seu livro *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), publicado em 1962. A obra é concebida mundialmente como material que possibilita a criação de consciência ambiental e teve destaque por usar um estilo poético de escrita, possibilitando a interpretação popular e a sensibilização social.

Primavera Silenciosa divulgou dados com densidade e documentação científica comprobatória, apresentando muitas evidências de crimes ambientais e ecológicos que causaram mortes de peixes, animais silvestres e pássaros — fator que deu origem ao nome do livro. A publicação impactou a sociedade em geral, inclusive o então Presidente dos Estados

⁶ Esta e outras ações fazem parte do que, posteriormente, convencionou-se chamar de “Revolução Verde”, que, dentre outras coisas, impulsionou o uso de recursos tecnológicos industriais (maquinários, sementes, adubos, inseticidas, herbicidas, fungicidas, etc.).

Unidos, John Kennedy, que convocou o Comitê Assessor Científico do Governo e pediu investigação dos fatos. Após uma luta combativa, na qual não faltaram ataques pessoais à pesquisadora, o desfecho foi o alerta sobre o uso do DDT e a posterior proibição de seu uso em todo o território norte-americano.

Em 1961, Carson descobriu um câncer já em metástase e lutou contra a doença sem torná-la pública, para evitar mais ataques por parte dos adversários que tentavam deslegitimar sua pesquisa. A doença a debilitou profundamente, levando-a a óbito em 14 de abril de 1964.

O trabalho dessa pesquisadora inspirou o ativismo ambiental, sendo responsável pelo movimento da ecologia profunda, que defende o valor de todos os seres vivos e a reestruturação das sociedades humanas. Exerceu influência no surgimento do ecofeminismo e em cientistas feministas. Seu maior legado no movimento ambientalista foi de um trabalho atuante completo: do arcabouço teórico (com comprovação científica), de divulgação escrita estratégica (com uma linguagem acessível e poética), e com a coragem de uma lutadora mulher (que não deixou-se intimidar).

2. JOHANNA LIESBETH KUBELKA DÖBEREINER

Conhecida como exímia pesquisadora, essa especialista na área agrícola nasceu no dia 28 de novembro de 1924, em Aussig, atual República Tcheca. Perdeu sua mãe em um campo de concentração na Tchecoslováquia e foi morar com os avós na Alemanha Oriental. Desenvolveu atividades na propriedade rural que residia, contribuindo no trato de vacas e, posteriormente, nas plantações de variedades de trigo. Com a morte dos avós, foi morar com seu pai e, no ano de 1947, iniciou os estudos do curso de Agronomia, onde conheceu o estudante de Medicina Veterinária Jürgen Dobreiner, com quem se casou em 1950 e teve três filhos. Por recomendação do pai de Johanna, que morava no Brasil, o casal também migrou para este país em 1951. Johanna se naturalizou brasileira em 1956, atuando em diversas entidades de pesquisa. Em março de 1951, foi contratada como assistente de pesquisa no Serviço Nacional de Agropecuária (SNPA) e passou a trabalhar no Laboratório de Microbiologia de Solos. O SNPA se transformou na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), onde ela trabalhou até o final de sua vida.

Johanna é conhecida como a agrônoma que mudou significativamente a produção de grãos, a partir de um trabalho detalhado e persistente. Com a alta demanda de plantio de soja na década de 1960, a pesquisadora fez estudos e identificou elementos importantes para diversos cultivos. De forma geral, o foco de suas pesquisas está na comprovação de associações entre plantas e bactérias fixadoras de nitrogênio no solo. A partir da continuidade de tais pesquisas, a utilização das referidas associações foi comprovada positivamente nos

plantios de milho e forrageiras. A agrônoma também contribuiu com pesquisas que demonstraram que a bactéria fixadora de nitrogênio (*Gluconacetobacter diazotrophicus*) e a cana-de-açúcar constituíam uma boa combinação, apresentando altos índices de produtividade.

Em 05 de outubro de 2000, a pesquisadora, que residia na região metropolitana no Estado do Rio de Janeiro, faleceu devido a complicações respiratórias. Embora estivesse com 75 anos nessa época, ela vinha dando continuidade às atividades de pesquisa.

Os seus estudos resultaram na descoberta de nove espécies de bactérias fixadoras de nitrogênio associadas a gramíneas, cereais e tuberosas, além de motivarem futuras pesquisas. Essas descobertas impactam positivamente o campo agrônomo, considerando que emergem de interações possíveis a partir dos elementos naturais (plantas e bactérias). Anterior a isso, era utilizado o nitrogênio solúvel nas plantas, o que desestabilizava suas estruturas naturais de proteção e, conseqüentemente, aumentava o uso de inseticidas e pesticidas. Suas pesquisas contribuíram para a diminuição e, em alguns casos, para a extinção de aplicações de venenos em lavouras. Essa forma de pensar a agricultura e a sua convivência com outros elementos da natureza é princípio fundante da agroecologia.

Em nossa avaliação, dado o significado deste trabalho desenvolvido, o nome desta pesquisadora mereceria maior destaque nos materiais que tratam da agroecologia.

3. ANNEMARIE CONRAD

Ana Maria Primavesi nasceu na Áustria, em 3 de outubro de 1920. Embora oriunda de família com posses, ela enfrentou diversas dificuldades provenientes do cenário caótico que a Europa vivenciou durante a Segunda Guerra Mundial. Perdeu seu pai e dois irmãos nessa época, além de ter sido presa e passado por situações extremas de perigo e necessidades.⁷

A fim de conquistar uma vaga na faculdade, a pesquisadora precisou enfrentar um período de trabalho braçal em 1942, em áreas determinadas pelo Governo Nazista. Graduou-se em agronomia e sua universidade a enviou para um estudo em Reichenburg onde Primavesi adquiriu larga experiência em análise dos solos. Segundo seu relato, conseguia identificar o tipo de solo de cultivo das uvas a partir da degustação de diferentes vinhos.

No cenário da guerra, as tropas inglesas ocuparam a Áustria, prendendo em campos de concentração a população austríaca. Ana Primavesi ficou nove meses detida no campo de concentração. Ao conquistar sua liberdade, aceitou um pedido de casamento ao reencontrar

⁷ A vida pessoal e profissional de Ana Primavesi é detalhadamente relatada no livro de KNABBEN (2017) intitulado: Ana Maria Primavesi: Histórias de Vida e Agroecologia. Esta obra foi realizada a partir de entrevistas e com base no diário da protagonista.

Arthur Primavesi, seu companheiro de faculdade.

Em 1948, o casal migrou para o Brasil e teve três filhos, cuja responsabilidade ficava mais a cargo da mãe⁸. Em 1956, com a abertura de várias universidades no Brasil, o casal foi convidado para dar aula em universidades, resultando na escolha de residir em Santa Maria/RS para atuar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ana ministrava aulas sobre produtividade dos solos, deficiências minerais, agrostologia e dirigia o laboratório de biologia e análise de solos. Concomitante às atividades educativas, passou a escrever sua obra sobre o manejo do solo e protagonizou o projeto de executar uma gravação para transformar a dinâmica da vida do solo em desenho animado de longa metragem. Ao compreender o solo como um organismo vivo, a autora foi responsável por avanços no manejo ecológico da agricultura e na produção de material escrito primordial sobre a análise e estudo do solo.

Dentre suas obras, destacam-se: Manejo dos pastos nativos (1966); Manejo Ecológico do Solo (1980); Manejo Ecológico de Pastagens (1981); Manejo Ecológico de Pragas (1987); Agro-Ecologia: Ecosfera-Tecnosfera-Agricultura (1997); Manual do Solo Vivo (2016); Manejo ecológico de pragas e doenças (2016); A convenção dos ventos (2016). Este último, muito diferente dos seus escritos, é um livro de contos em que a autora desenvolve conceitos sobre os micro-organismos, em linguagem adequada para as crianças.

Ana Primavesi sempre foi atuante cientista, pesquisadora e defensora da agroecologia. Participou ativamente como palestrante de eventos, ministrou diversos cursos, assessorou muitos produtores e colaborou com diversas organizações sociais. Foi uma das precursoras do Movimento de Agricultura Alternativa no Brasil. Sua fazenda em São Paulo, onde morou após a aposentadoria, virou referência e modelo de produção agroecológica em todo o país. Ana Primavesi faleceu em 05 de janeiro de 2020, aos 99 anos. Mesmo sendo reconhecida, talvez uma das mulheres mais citadas na agroecologia, destacamos as dificuldades enfrentadas para obter essa visibilidade.

Ao analisar essas figuras consagradas na literatura pertinente à temática abordada, constatamos que percalços desafiadores estiveram presentes em suas narrativas históricas. Três mulheres que nasceram em países desenvolvidos tiveram acesso ao meio acadêmico, diferentemente de muitas outras na mesma época. Ainda assim, enfrentaram pronunciado grau de dificuldades. Tais limites apontam a realidade no processo do alcance da mulher na construção do conhecimento científico, mas também um certo sombreamento de seus trabalhos, confirmado pela dificuldade em encontrar materiais que dão visibilidade a esses

⁸ Infelizmente, em 1985, o filho mais jovem de Ana Primavesi morreu em um acidente de carro, causando-lhe muito sofrimento.

feitos. Por outro lado, a importância que suas atividades científicas expressam nos remetem a um sentimento de satisfação e ânimo sobre as contribuições que as mulheres desempenharam e continuam a desempenhar no desenvolvimento da agroecologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho feminino tem representado importante parcela do desenvolvimento do arcabouço teórico-prático da agroecologia. Assim, se apresentamos alguns nomes que deixam seu legado na produção escrita e científica, é importante destacar a relevância de muitas trabalhadoras que imprimiram sua marca a partir de uma prática coletiva na produção agroecológica, de forma direta e perene.

É reconhecido que, historicamente, na maioria dos lugares, as mulheres desempenham um papel importante na produção de alimentos, principalmente os considerados de subsistência. Nesse sentido, temos observado nas últimas décadas um engajamento bastante evidente de mulheres em debates e ações no campo da agroecologia. Mas para além da discussão na esfera produtiva dos alimentos, essa participação tem agregado outros elementos à vida das participantes do processo. A pauta da superação do machismo e das violências (físicas, emocionais e patrimoniais) enfrentadas no cotidiano vai, aos poucos, se materializando em novas posturas diante da vida, com a construção de formas de relações mais salutaras.

Nesse círculo de aperfeiçoamento das mulheres e na luta por direitos diversos, outras dimensões educativas vão se gestando. Isso se reflete no fortalecimento dos grupos já organizados e na perspectiva de uma ampliação do entendimento sobre as questões envolvidas. Dito de outra forma: se a é na práxis que o indivíduo se forma e se transforma, evidenciamos um papel pedagógico primordial das mulheres na sua participação como produtoras ecológicas vinculadas aos movimentos sociais.

Além disso, gradativamente temos percebido a ampliação de mulheres representando a agroecologia nos espaços públicos, em eventos de discussão e/ou formação, na organização de empreendimentos de comercialização e, principalmente, em feiras agroecológicas. Esses ambientes estimulam e provocam alternativas à superação de muitas dependências.

O conjunto de ações na esfera da produção está ligado a um tema que diz respeito à “economia feminista”, que vem apresentando importantes mudanças. O engajamento em processos historicamente atribuídos à execução masculina passa a fazer parte da vida dessas

mulheres, bem como a compreensão e o posicionamento crítico diante do funcionamento da economia tradicional burguesa, que explora seres humanos e a natureza. Salientamos, portanto, o elemento transformador contido no trabalho com a agroecologia envolvendo diversas dimensões da vida.

Em oportunidade de acompanhar discussões no âmbito de mulheres que assumiram a postura agroecológica, fica evidente o acúmulo conceitual presentes em suas falas, que vão se refletir na elaboração de seus objetivos e suas pautas de lutas. Sem desconsiderar outros grupos, o destaque que gostaríamos de apresentar está no contexto daquelas que compõem o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), que, particularmente, tem inferido discussões em um sentido bastante complexo, ou seja, nas mais variadas dimensões da produção da vida.

Para além do discurso ético, o pensar/agir agroecológico está presente na maioria dos momentos vivenciados por essas mulheres. Ele ocorre na hora de depositar uma muda no seu ‘berço’ fofo da terra e não na ‘cova’, usualmente reconhecido como local de plantio⁹. Também está na ação ousada em enfrentar grandes empresas de produção de madeira geneticamente modificada, que destroem ecossistemas inteiros. Está na seriedade com que organizam uma campanha de sementes para recuperar e multiplicar a diversidade em cada canto do país, assim como está na troca de um abraço com a companheira que passa por uma dificuldade. Está na teimosia de uma mulher que não aceitou a resposta de que o cultivo do alho só é possível de maneira convencional, e estudou manejos e cuidados até chegar à colheita de uma planta vigorosa e cheia de vida. Está no momento do estudo de diversas teorias já sistematizadas, mas também no encorajamento de que cada participante é capaz de trazer conhecimentos a partir de sua experiência. Está na troca, nos laços, na não aceitação daquilo que oprime e na coragem de mudar.

E é no trabalho desenvolvido por mulheres que fazem agroecologia que reconhecemos um embrião, uma semente de novas formas de produzir a vida. Elas o fazem observando e sentindo a terra com seus ciclos (da água, dos ventos, dos astros); conhecendo a diversidade dos seres vivos (desde os micro-organismos do solo até as plantas e animais mais complexos); refutando o predomínio de relações capitalistas e patriarcais; reconhecendo no outro e na outra um ser semelhante que, de forma coletiva, pode empreender transformações.

Entretanto, muitos desafios ainda estão colocados. A lógica do patriarcado, que tem sido funcional ao modelo capitalista de exploração e está presente nas formas hegemônicas de

⁹ Esta terminologia para o local de plantio afirma o local como berço (nascimento) não como cova (morte) foi formulada pelo MMC dando sentido ao que concebem como o nascer e desenvolver da planta.

produção agrícola, se sobrepõe à voz masculina. Isso ocorre no ambiente da agricultura familiar e camponesa, onde tomadas de decisões prioritárias são realizadas pelos homens, enquanto a execução e o cumprimento das demais tarefas cabe ao restante da família. Ocorre nas grandes empresas do agronegócio, cuja imagem do ‘Agro é pop’ reproduz simbolicamente o modelo do ‘coronel agora travestido em empresário’. Também acontece no campo da produção científica e no processo de execução das experiências e disseminação de resultados.

Oxalá possamos nos fortalecer em práticas de luta e resistência, avançando nos processos coletivos de produção e socialização da agroecologia, estabelecendo cada vez mais relações de sororidade entre as mulheres.

REFERÊNCIAS

Após intimidações por luta contra agrotóxico, pesquisadora decide deixar o país. **Brasil de Fato**, 19 mar. 2021. Direitos humanos. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/19/apos-intimidacoes-por-luta-contr-agrotoxicos-pesquisadora-decide-deixar-o-pais>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BONI, Valdete; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; DE BASTIANI, Tânia Mara (Orgs). **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. Tubarão: Copiart, 2015.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a união europeia**. São Paulo: Fflch-Usp, 2017. 296 p. Disponível em: https://ecotoxbrasil.org.br/upload/587ed92192e9dbe77bddffd31cbe25a7-e-book_atlas_agrot_axico_2017_larissa_bombardi.pdf. Acesso em: 30 mar. 2021

CARSON, Raquel. [Tradução Claudia Sant’Anna Martins]. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. **Carson é a terceira cientista biografada**. 2020. Disponível em: <https://portal.cbpf.br/pt-br/ultimas-noticias/carson-e-a-terceira-cientista-biografada>. Acesso em: 13 dez. 2020.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FRANÇA, Victor. **Johanna Liesbeth Kubelka Döbereiner – A Pesquisadora que Revolucionou a Agricultura**. 2019. Disponível em: <http://usp.br/cienciaweb/2019/10/johanna-liesbeth-kubelka-dobereiner-a-pesquisadora-que-revolucionou-a-agricultura/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. São Paulo: Global, 1983.

LEAR, Linda. **Introdução**. In: CARSON, Raquel. [Tradução Claudia Sant’Anna Martins]. *Primavera Silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.

KNABBEN, Virgínia Mendonça. **Ana Maria Primavesi:** Histórias de Vida e Agroecologia. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo:** solo sadio, planta sadia, ser humano sadio.

2

.

e

d

.

r

e

v

.

S

ã

o

P

a

u

l

o

:

E

x

p

r

e

s

s

ã

o

P

o

p

u

l

a

r

,

2

0

1